

Drumond (2013) assevera que a docência na Educação Infantil é diferente da docência na escola de Ensino Fundamental. Dessa forma, o discente precisa ter claras essas diferenças. Além do que é ensinado na sala, ele precisa acompanhar na prática, pois a vivência do estágio em uma escola de Educação Infantil permitirá experiências fundamentais. O trabalho desenvolvido neste nível de ensino requer cuidados e conhecimentos específicos, assim como nos demais níveis educacionais, mas com o estágio a visão de cada nível pode ser ampliada e isso permitirá aproximações futuras sobre como será a vida profissional.

**Solange Franci Raimundo Yaegashi
Luciane Guimarães Batistella Bianchini
Juliana Gabricho Capella Pires**

Representações sociais de acadêmicos de pedagogia sobre o estágio supervisionado em educação infantil

Social representations of academic students of the pedagogy course on supervised in child education

SOLANGE FRANCI RAIMUNDO YAEGASHI*
LUCIANE GUIMARÃES BATISTELLA BIANCHINI**
JULIANA GABRICHIO CAPELLA PIRES***

Resumo

Neste artigo temos como objetivo analisar as representações sociais de acadêmicos do curso de Pedagogia sobre o estágio supervisionado em Educação Infantil. A pesquisa é de natureza qualitativa e descritiva. O estudo proposto vincula-se ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Escola, Família e Sociedade (GEPEFS) e ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Como referencial teórico-metodológico adotamos a Teoria das Representações Sociais (TRS). Participaram desta pesquisa 41 discentes do curso de Pedagogia da UEM, pertencentes às turmas do 1º ao 4º ano do curso, dos períodos matutino e noturno matriculados a partir do ano de 2012Os resultados revelaram que as representações sociais dos acadêmicos são dissonantes, mesmo os respondentes sendo da mesma turma ou estando no mesmo ano letivo. Os sujeitos que escolheram a Educação Infantil como área de atuação são os mesmos que tiveram uma boa experiência de estágio nesse nível de ensino.

*Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP, Pós-Doutorado em Psicologia pela Universidade de São Paulo/USP; Professora Associada do Departamento de Teoria e Prática da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá/UEM; Email: solangefry@gmail.com

**Doutorado em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho/UNESP, Pós-Doutorado em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista/UNESP; Professora do Programa de Pós-Graduação em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias da Universidade Norte do Paraná; Email: luannbi@hotmail.com

***Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá; Email: ju.capella@hotmail.com

Chegamos à conclusão que as vivências durante o Estágio Supervisionado em Educação Infantil influenciam sobremaneira a escolha profissional e a prática pedagógica do futuro professor.

Palavras-chave: Representações sociais. Educação infantil. Estágio supervisionado. Pedagogia.

Abstract

In this article we have the objective of analyzing the social representations of academic students of the Pedagogy course on supervised internship in Early Childhood Education. The research is qualitative and descriptive. The proposed study is linked to the Group of Studies and Researches in Schools, Family and Society (GEPEFS) and to the Postgraduate Program in Education of the State University of Maringá (UEM). As a theoretical-methodological reference, we adopt the Theory of Social Representations (TRS). Forty-one students from the UEM Pedagogy course, from the 1st to the 4th year of the course, from the morning and night periods enrolled in the year 2012, participated in this study. The results revealed that the social representations of the academic students are dissonant, even when the respondents were of the same class or being in the same school year. The students who chose Early Childhood Education as their area of activity are the same ones who had a good internship experience at this level of education. We conclude that the practical experience during the Supervised Internship in Early Childhood Education have a great influence on the professional choice and pedagogical practice of the future teacher.

Keywords: Social representations. Child education Supervisedinternship. Pedagogy.

Introdução

A discussão sobre a prática pedagógica na Educação Infantil e, mais especificamente, sobre a importância do estágio supervisionado neste nível de ensino tem sido alvo de interesse de diferentes pesquisadores (BARBOSA; AMARAL, 2009; SCALABRIN; MOLINARI, 2013; PIRES, 2017).

O estágio é um componente fundamental para a formação do professor. É nele, na maior parte das vezes, que o discente trabalha a teoria e prática de forma inter-relacionada (PIMENTA; LIMA, 2009). Dessa forma, é inimaginável pensar a formação de um professor para a Educação Infantil separando a ação e a intencionalidade pedagógica (DRUMOND, 2013).

Partindo do pressuposto de que tudo o que presenciamos e vivenciamos interfere na maneira como nos posicionamos como educadores, é importante refletirmos sobre como está se consolidando a formação de professores no Brasil.

O discente, ao se preparar para ser professor, deve refletir sobre o que está aprendendo e sobre o que terá que ensinar. Portanto, os diferentes saberes

proporcionados na formação inicial do docente têm por finalidade humanizar, socializar, ajudar o sujeito a tomar “posse de uma parte do patrimônio humano que é o conhecimento” (BARBOSA; AMARAL, 2009, p. 3676).

Para que essa formação docente aconteça de fato, não basta que as instituições de Ensino Superior apenas transmitam conteúdos disciplinares, ao contrário é necessário que elas desenvolvam atividades que promovam em seus alunos a reflexão crítica, comprometida com a ação. O estágio supervisionado é uma das maneiras de garantir que os conteúdos específicos das disciplinas de formação interajam com os conteúdos pedagógicos, dando, assim, significado à docência. Com o estágio, esses futuros professores adotarão um olhar de educador em relação às questões do exercício da profissão (AROEIRA, 2009).

Drumond (2013) assevera que a docência na Educação Infantil é diferente da docência na escola de Ensino Fundamental. Dessa forma, o discente precisa ter claras essas diferenças. Além do que é ensinado na sala, ele precisa acompanhar na prática, pois a vivência do estágio em uma escola de Educação Infantil permitirá experiências fundamentais. O trabalho desenvolvido neste nível de ensino requer cuidados e conhecimentos específicos, assim como nos demais níveis educacionais, mas com o estágio a visão de cada nível pode ser ampliada e isso permitirá aproximações futuras sobre como será a vida profissional.

Todavia, o contato com acadêmicos do curso de Pedagogia possibilitou-nos a constatação de que no discurso de alguns acadêmicos durante a sua formação, há, muitas vezes, a afirmação de não gostariam de trabalhar com a Educação Infantil por não se sentirem preparados ou mesmo por não gostarem de trabalhar com crianças na faixa etária de zero a cinco ou seis anos. Essa experiência levou-nos às seguintes indagações: Por que há um aparente desinteresse dos acadêmicos do curso de Pedagogia em trabalhar com a Educação Infantil? O que esses acadêmicos pensam sobre o estágio e a prática pedagógica nesse nível de ensino?

Tais inquietações justificam a realização desse estudo, por meio do qual buscamos analisar o que os alunos do curso de Pedagogia da UEM pensam sobre estágio na Educação Infantil, a fim de compreender suas representações e visualizar em que estão ancoradas.

Corroboramos Jovechelovitch (2011, p. 70) que as representações são formadas a partir de um contexto de relações, eu-outro, “[...] que é sempre emocional, social e cultural e, portanto historicamente situado”.

As representações sociais, segundo Alves-Mazzotti (1994), determinam os comportamentos e as práticas do sujeito. Abric (2000, p. 28), por sua vez, explica que “[...] a representação funciona como um sistema de interpretação da realidade que rege as relações dos indivíduos com o seu meio físico e social, ela vai determinar seus comportamentos e suas práticas”.

Nessa perspectiva, Moscovici (2015, p. 41) sustenta que

[...] pessoas e grupos criam representações no decurso da

comunicação e da operação. Representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem.

Fica evidente que mesmo que busquemos a representação de uma pessoa, temos que lembrar que aquela representação não foi criada isoladamente; ao contrário, as representações estão sempre circulando, mesmo quando não as vemos. Nas palavras do autor,

[...] cada um de nós está obviamente cercado, tanto individualmente como coletivamente, por palavras, ideias e imagens que penetram nossos olhos, nossos ouvidos e nossa mente, quer queiramos quer não, e que nos atingem, sem que o saibamos, do mesmo modo que milhares de mensagens enviadas por ondas eletromagnéticas circulam no ar sem que as vejamos e se tornam palavras em um receptor de telefone, ou se tornam imagens na tela da televisão (MOSCOVICI, 2015, p. 33).

Em outras palavras, nossas percepções, ideias e atribuições são respostas a estímulos do ambiente físico em que nós vivemos (BELLINI; REIS, 2011; MOSCOVICI, 2015).

Nesse sentido, este estudo tem como objetivo analisar as representações sociais dos acadêmicos do curso de Pedagogia sobre o estágio supervisionado em Educação Infantil.

O artigo se encontra estruturado em algumas seções. Na primeira apresentamos a metodologia, em seguida a discussão dos resultados e, por fim, encerra-se com algumas considerações sobre a pesquisa desenvolvida com os estudantes de Pedagogia.

Metodologia

A pesquisa foi realizada com discentes do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Os participantes desta pesquisa foram 41 discentes do curso de graduação Pedagogia da UEM do 1º ao 4º ano dos períodos matutino e noturno. Do total de entrevistados, 39 (95,1%) eram do gênero feminino e 2 (4,9%) do gênero masculino. As idades dos participantes variaram de 18 a 46 anos, sendo a idade média 23,3 anos, havendo uma concentração maior de participantes jovens.

Por ser uma pesquisa de cunho qualitativo, utilizamos uma amostra por conveniência. Essa técnica é muito comum e consiste em **selecionar uma amostra da população que seja acessível**.

A coleta de dados atendeu às diretrizes da Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 do Conselho Nacional de Saúde e foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UEM pelo processo nº

51787515.3.0000.0104, parecer consubstanciado nº 1.407.736.

Para a coleta dos dados, utilizamos um questionário sociodemográfico e um roteiro de entrevista semiestruturada. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas na íntegra. Cada discente entrevistado foi designado de D1, D2 até D41 sucessivamente.

Para a análise dos resultados, criamos duas categorias segundo a proposta apresentada por Bardin (2006): 1) Percepção do estágio supervisionado em Educação Infantil; 2) Expectativa em relação à área que pretende atuar.

Resultados e discussão

Percepção do estágio supervisionado em educação infantil

Sabemos como é importante realizar o estágio durante a graduação, pois este permite aliar a teoria e a prática. Destarte, temos contato com todos os níveis de ensino, o que possibilita uma noção maior sobre cada um. Nessa linha, Barbosa e Amaral (2009, p. 3678) declaram que “o estágio proporciona ao educando adotar um olhar de educador em relação às questões do exercício da profissão”.

O estágio é uma experiência única, pois permite ao aluno a descoberta de si no mundo profissional, uma vez que ele entra em contato a realidade sociocultural e com diferentes instituições (SCALABRIN; MOLINARI, 2013; GOMES, 2009).

Com a finalidade de compreender a representação dos discentes sobre o estágio na Educação Infantil, perguntamos aos discentes: “Durante a graduação em Pedagogia como foi a sua experiência no Estágio Supervisionado em Educação Infantil?” Elencamos algumas das falas que se destacaram:

“O estágio é bacana para a gente ter a noção da realidade. A realidade foi um pouco triste, por não conciliar com a teoria que a gente vê, que fundamenta a prática de atividades. Que a instituição não seja só uma característica de cuidar, um depósito de crianças, mas na realidade, a gente vê isso, pelo menos na minha prática de estágio era assim. As crianças o tempo todo no ócio, mas na intervenção a gente pode dar uma rebatida nisso. Entramos com atividades para intervir mesmo, no dia a dia deles, e o resultado foi magnífico. Porque até as crianças levaram um susto, pois poderiam estar fazendo outras coisas na instituição, além do que eles vinham fazendo, ou seja, nada né. Porque eles não faziam nada” (D14 – 3º ano).

A resposta do D14 (3º ano) chama a atenção pelo fato de afirmar que a teoria não estava de acordo com o que eles estavam vendo na prática. Constatamos que isso acontece, não é sempre que a teoria se encaixa na

prática. No caso do D14, foi presenciada uma situação em que as crianças não faziam atividades dirigidas com fins pedagógicos ou lúdicos, ou seja, faziam o que bem entendiam, mas as intervenções dos acadêmicos de Pedagogia mudaram a realidade daquelas crianças e fizeram a diferença.

De acordo com Silva e Navarro (2012, p. 96), “o professor deve ter propostas claras sobre o que, quando e como ensinar, a fim de trocar o planejamento de atividades de ensino para a aprendizagem de maneira adequada e coerente com seus objetivos”. Esse é um desafio que todo professor terá que ultrapassar, pois não existe uma única forma de ensinar, como também não existe uma única forma de aprender. Por isso existem teorias, para serem testadas, adaptadas, sendo necessários organização e planejamento da parte do professor. “Bom, a minha experiência foi muito boa, porque foi uma forma de poder colocar um pouquinho na prática o que nós víamos na teoria” (D13 – 3º ano).

A resposta do D13 (3º ano) corrobora o que já revelamos sobre a importância do estágio. Nessa perspectiva, Scalabrin e Molinari (2013) explicam que estágio supervisionado proporciona ao licenciado o domínio de instrumentos teóricos e práticos indispensáveis à execução de suas funções. Nas palavras das autoras,

[...] busca-se, por meio desse exercício beneficiar a experiência e promover o desenvolvimento, no campo profissional, dos conhecimentos teóricos e práticos adquiridos durante o curso nas instituições superiores de ensino, bem como, favorecer por meio de diversos espaços educacionais, a ampliação do universo cultural dos acadêmicos, futuros professores. Outros fins previstos nessa proposta são: desenvolver habilidades, hábitos e atitudes relacionados ao exercício da docência e criar condições para que os estagiários atuem com maior segurança e visão crítica em seu espaço de trabalho (SCALABRIN; MOLINARI, 2013, p. 3).

Alguns acadêmicos relataram experiências prazerosas e experiências desagradáveis vivenciadas durante o estágio:

Foi maravilhosa, eu gostei. Eu tive a oportunidade de ter contato com todas as idades, do infantil 1 ao 5, e desenvolver atividades com o infantil 1 que são os bebês, e pude ver na prática como a gente pode e faz diferença quando você promove atividades pedagógicas com eles. É diferente, porque durante o estágio nós fazíamos no período da tarde, onde não havia uma pedagoga. Então nós percebemos a diferença quando é feita mesmo a prática pedagógica com as crianças (D18 – 2º ano).

Sim, nós fizemos o estágio na educação infantil e eu confesso que não foi nada agradável. Porque a realidade que se encontra hoje essa educação, está triste, de verdade. Os professores não estão bem dispostos para educar, as crianças estão muito agitadas e os professores não sabem como lidar com essa situação e acabam se estressando e fica por aí (D19 – 2º ano).

O D18 (2º ano) teve uma experiência positiva. Ele afirmou ter gostado da oportunidade de trabalhar com a Educação Infantil e disse ter percebido a importância de promover atividades pedagógicas, ainda mais com o infantil 1, que no caso são os bebês. Nessa direção, reproduzimos as palavras de Silva e Navarro: “O processo de ensino não se limita à transmissão de conhecimentos, à estrutura, mas sim a adequar o conteúdo à realidade do aluno” (2012, p. 97), ou seja, além de ensinar, o professor deve adequar o ensino para a realidade do aluno, e nesse caso o acadêmico teve que adequar sua aula para o infantil 1.

O D19 (2º ano) afirmou não ter tido uma boa experiência com a Educação Infantil, pois revelou ter encontrado professores que não estavam dispostos e que sabiam lidar com a agitação das crianças, entre outras situações, e por isso acabavam se estressando.

Um aluno demonstrou a idealização da escola privada em detrimento da pública:

Com um olhar de quem já trabalha na área, eu acho que muitas coisas são vagas, tem muitas falhas. Como a gente fez o estágio em uma escola pública, em uma escola municipal, então talvez eu creio que seja muito diferente da educação particular, mas no geral, no geral, eu vejo que tem uma organização, mas não é uma estrutura muito elaborada, muito adequada. Não levando em consideração as leis, porque na teoria é lindo, mas na prática não (D20 – 3º ano).

Na resposta do D20 verificamos que talvez ele acredite que a escola pública é diferente da particular. Existem diferenças, não podemos negar. Como afirmam Panizon e Sabei (2014, p. 2), há

[...] uma grande disparidade a ser analisada comparando-se o ensino público brasileiro com o ensino privado, não somente em relação ao uso de novas tecnologias, como a informática, mas também no próprio contexto de aprendizagem dos alunos.

Independente de a escola ser particular ou pública, o estudante tem direito à educação e a uma escola de qualidade. Estas escolas possuem diferentes clientelas e comunidades, mas nunca podem perder sua essência de ensino e aprendizagem (PANIZON; Sabei, 2014).

Em relação aos discentes do 4º ano, alguns afirmaram ser importante o estágio, principalmente na área da Educação Infantil, caso do D35 (4º ano). Já o D38 (4º ano) relatou que teve experiências distintas em duas instituições; em uma foi boa e na outra não, pois a escola parecia um “depósito” de crianças.

Vê a realidade é importante, eu acho que foi essencial. Não tem como você se formar em pedagogia e não passar pela educação infantil (D35 – 4º ano).

Nós fizemos em duas creches. Em uma eu achei muito legal, tive boas experiências, porque eu vi que eram trabalhados vários aspectos que nós víamos no curso. Em outra parecia mais um depósito de crianças mesmo, com várias crianças na sala, com a professora só tomando conta da criança e não ensinando alguma coisa pra elas (D38 – 4º ano).

Infelizmente, as instituições não são iguais, muito menos as práticas dos professores. Dessa forma, podemos encontrar escolas em que o trabalho desenvolvido com as crianças é exemplar, como também podemos encontrar professores que não são comprometidos.

Por meio do estágio supervisionado na Educação Infantil, acreditamos ser possível que os discentes tenham uma boa experiência. Dos que já o realizaram e não obtiveram bons resultados, esperamos que ao longo de sua carreira esse olhar possa mudar. Nesse contexto, Abric (2000, p.28) afirma que “a representação funciona como um sistema de interpretação da realidade que rege as relações dos indivíduos com o seu meio físico e social, ela vai determinar seus comportamentos e suas práticas”, ou seja, quem teve uma experiência produtiva no estágio, provavelmente levará um olhar positivo sobre a Educação Infantil, mas, por outro lado, quem não teve uma experiência agradável terá uma representação negativa e até que essa pessoa viva outras situações ou não reveja sua formação por meio de leituras e formação continuada, seu olhar sobre a Educação Infantil pode ficar com um viés negativo.

Expectativa em relação à área que pretende atuar

Em relação à expectativa em relação à área que pretende atuar, ao perguntarmos sobre a área que os discentes pretendiam trabalhar, dos 41 participantes, 16 (menos de 50%) responderam que escolheriam a Educação Infantil, 2 que escolheriam o Ensino Fundamental, 8 ficaram em dúvida entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, 3 optaram pelo Ensino Superior, 2 entre a Educação Infantil e o Ensino Superior, 1 disse estar em dúvida sobre o Ensino Fundamental, Médio e Superior e 6 não sabiam ainda em que nível prefeririam atuar.

Acreditamos que as situações enfrentadas pelo discente no estágio contribuem pra a formação de suas representações sobre a Educação Infantil.

Nessa direção, Moscovici (2015, p. 59) avança que “[...] ao se estudar uma representação, nós devemos sempre tentar descobrir a característica não familiar que a motivou, que esta absorveu”, ou seja, para entender o porquê dos discentes não preferirem a Educação Infantil, temos que analisar qual motivo pode tê-los levado a essa representação, e com a pergunta sobre a experiência no estágio conseguimos chegar a algumas respostas.

Considerações finais

Pontuamos que o principal objetivo da nossa pesquisa foi verificar as representações sociais dos acadêmicos do curso de Pedagogia da UEM sobre o estágio supervisionado em Educação Infantil, buscando analisar se existia diferença nessas representações entre os alunos dos diferentes anos. Depois de realizar 41 entrevistas, sendo 8 discentes do primeiro ano, 10 do segundo, 13 do terceiro e 10 do quarto, podemos afirmar que há sim diferença entre as representações desses alunos, mas a diferença não ocorre apenas de ano para ano, mas em cada sujeito. Ou seja, percebemos que entre os discentes de um mesmo ano haviam representações diferentes.

Chegamos à conclusão de que cada um tem sua representação, mesmo estando no mesmo ano, e acreditamos que isso pode ocorrer por vários motivos, mas constatamos que o estágio foi um dos principais elementos para criar a representação desses discentes. Quando perguntamos em qual área os sujeitos do estudo gostariam de trabalhar depois de formados, os que respondiam querer a Educação Infantil coincidentemente tiveram uma experiência positiva no estágio e os que afirmaram querer outros níveis educacionais não tiveram a mesma experiência. Como afirma Moscovici (2015, p. 63), “categorizar alguém ou alguma coisa significa escolher um dos paradigmas estocados em nossa memória e estabelecer uma relação positiva ou negativa com ele”, ou seja, todas as respostas puderam mostrar qual a relação que cada um estabeleceu com a Educação Infantil através de suas experiências.

Apontamos também que essas representações podem mudar, pois uma representação não é definitiva, ou seja, a representação é a forma como vemos o mundo e às vezes parece que nunca mudaremos de ideia ou de opinião. Entretanto, a partir do momento em que vivenciamos outras situações, novos cenários vão se configurando. A esse respeito, Jovchelovitch (2011, p. 76) assinala que “é apenas a comunicação entre representações do real que pode construir um sentido de realidade única e compartilhada e nos fornecer a objetividade, todavia sempre provisória”. Assim, os discentes que construíram essa representação negativa, com o passar do tempo e à medida em que vivenciarem outras experiências, poderão transformar suas representações. Cada sujeito cria sua representação e esta não é permanente.

A todo tempo, estamos em constantes relações com o/os outro/os. Dessa maneira, nossas representações podem mudar a qualquer momento e estas, além de determinar nossas opiniões sobre determinada coisa, também

designam nossos comportamentos (MOSCOVICI, 2015).

Com a Teoria das Representações Sociais pudemos observar que os discentes do curso de Pedagogia da UEM são sujeitos sociais, que elaboram e compartilham suas ideias, pensamentos, opiniões e partilham de uma sociedade comum, porém cada sujeito interpreta sua realidade de uma forma, graças às experiências vivenciadas, e isso faz com que crie e recrie suas representações (SPINK, 1993; ARRUDA, 2002).

Esperamos que esta pesquisa traga contribuições acerca das práticas pedagógicas desenvolvidas na Educação Infantil e que os professores repensem suas práticas e continuem estudando, pois a formação continuada é essencial para garantir uma educação de qualidade. Acreditamos também que pesquisas nessa temática devam continuar, pois nesse caso investigamos os acadêmicos. Entretanto, é importante que sejam realizadas mais pesquisas com professores que já estão atuando na Educação Infantil.

Referências

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. **Em Aberto**, Brasília, ano 14, n. 61, p. 60-78, jan./mar. 1994. Disponível em: ><http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1944/913>>. Acesso em: 1 ago. 2015.

ABRIC, Jean-Claude. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Orgs.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. 2 ed. Goiânia: AB, 2000, p. 27-38.

AROIRA, Kalline Pereira. **O estágio como prática dialética e colaborativa: a produção de saberes por futuros professores**. Doutorado em Educação – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

ARRUDA, Angela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, p. 127-147, 2002. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n117/15555.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2017.

BARBOSA, Angela Maria; AMARAL, Telma. A contribuição do estágio supervisionado na formação do pedagogo. **Anais do IX Congresso Nacional de Educação e do III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**. Pontifícia Universidade Católica, Curitiba, 2009. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2049_1600.pdf. Acesso em: 7 ago. 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BELLINI, Marta; REIS, Lindaura de Arruda. Representações sociais: teoria, procedimentos metodológicos e educação ambiental. **ActaScientiarum: Human and Social Sciences**, Maringá, v.33, n. 2, p. 149-159, 2011.

DRUMOND, Viviane. Estágio e formação de docentes de Educação Infantil em cursos de Pedagogia. **Olh@res**, Guarulhos, v. 1, n. 1, p. 183-206, 2013.

GOMES, Marineide de Oliveira. **Formação de professores na Educação Infantil**. São Paulo: Cortez, 2009.

GUEDES, Shirlei Terezinha Roman. A relação teoria e prática no estágio supervisionado. **Anais do IX Congresso Nacional de Educação e do III Encontro Sul Brasileiro de**

Psicopedagogia. Pontifícia Universidade Católica, Curitiba. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3582_2162.pdf. Acesso em: 8 ago. 2016.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: _____. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 17- 44.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Os contextos do saber**: Representações, comunidade e cultura. 2 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

MOSCOVICI, Serge. Representações sociais: Investigações em psicologia social. 11 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

PANIZON, Marlon; SABEL, Thayze Rochele. Diferenças entre o ensino público e particular: influências em relação ao aprendizado. **Governo do Brasil**, Paraná, p. 1–11, 2014. Disponível em: [http://www.pinhais.pr.gov.br/aprefeitura/secretariaseorgaos/educacao/seminario/uploadAddress/DIFERENCAS-ENTRE-O-ENSINO-PUBLICO-E-PARTICULAR-INFLUENCIAS-EM-RELACAO-AO-APRENDIZADO\[6909\].pdf](http://www.pinhais.pr.gov.br/aprefeitura/secretariaseorgaos/educacao/seminario/uploadAddress/DIFERENCAS-ENTRE-O-ENSINO-PUBLICO-E-PARTICULAR-INFLUENCIAS-EM-RELACAO-AO-APRENDIZADO[6909].pdf). Acesso em: 8 ago. 2016.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

PIRES, Juliana Gabricho Capella. **As representações sociais de acadêmicos de curso de Pedagogia sobre a prática pedagógica na Educação Infantil**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.

SCALABRIN, Izabel Cristina; MOLINARI, Adriana Maria Corder. A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas. **Revista UNAR**, v.7, n.1, p. 1-12, 2013.

SILVA, Ormenzina Garcia da; NAVARRO, Elaine Cristina. A relação professor-aluno no processo ensino-aprendizagem. **Revista Eletrônica da Univar**, n. 8, v. 3, p. 95-100, 2012.

SPINK, Mary Jane P. O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.9, n.3, p. 300-308, 1993.